II CONGRESSO INTERNACIONAL
CALEIDOSCÓPIO
DA CIDADE CONTEMPORÂNEA
05 a 08 de junho de 2017 - Campos dos Goytacazes - RJ - Brasil

REPRESENTAÇÕES DA CIDADE: usos noturnos do centrode Campos dos Goytacazes-RJ

Teresa de Jesus Peixoto Faria
Universidade Estadual do Norte Fluminense
teresa.uenf@gmail.com

Quésia de Souza Francisco
Universidade Estadual do Norte Fluminense
quesiaf@yahoo.com.br

1 – INTRODUÇÃO

Este trabalho trata das representações construídas acerca da cidade. Nosso objetivo é uma abordagem dos usos do espaço público urbano considerando não somente suas características territoriais. A análise considera também a dimensão temporal, principalmente o período que sucede o cair noite.

O trabalho originou-se de um passeio guiado,realizado no dia 31 de outubro de 2016,à noite, no centro da cidade de Campos dos Goytacazes, estado do Rio de Janeiro, Brasil.O evento, intitulado “Exorcizando os fantasmas da cidade à noite”[1], inspirado no projeto da Organização das Nações Unidas,"31 october - World Cities Day. Better city. Better Life"[2], foi gratuito e contou com a presença de 36 pessoas.

A atividade tinha por objetivo fazer com que os participantes experimentassem o centro da cidade no período noturno.Considerando as representações construídas acerca da cidade à noite – vazia, insegura, escura – saímos em busca de identificar quais são os “fantasmas” que amedrontam e afugenta as pessoas ao ponto de deixarem o centro urbano abandonado no período noturno?

Como referencial teórico, este trabalho baseou-se nas representações sociais nos termos de Roger Chartier, em *A História Cultural entre práticas e representações* e,sobretudo, nas reflexões de Marcel Roncayolosobre como compreender a cidade,

[1] O evento contou com a participação da pesquisadora Caterine Reginensi (UENF-LEEA) a quem agradecemos a colaboração na redação deste artigo.
[2] http://www.urbanoctober.org/urbanwalks.asp

hoje,em *La ville et ses territoires*onde diz que a cidade também pode serrepresentação ou um conjunto de representações (RONCAYOLO, 1997: 160).

E, como estamos tratando das cidades não de um modo geral, mas das representações acerca da cidade durante o período noturno, também nos inspirou o trabalho do geógrafo francêsLuc Gwiazdzinski. No livro*La nuit,dernièrefrontière de la nuit,*ao propor que vejamos a cidade como um espaço policrônico", o autor classifica a noite para além do período que vai do pôr ao nascer do sol e considera outras fronteiras estabelecidas entre três períodos, aos quais chama de "três tempos da noite".

Além dos autores mencionados, este trabalho dialoga com Jane Jacobs, que trata da sensação de segurança (ou de insegurança) e da vigilância exercida pelas pessoas ao transitarem pelas ruas e calçadas da cidade com "olhos da rua". Propõe que a calçada deve ter usuários transitando ininterruptamente, pois ruas bem movimentadas tendem a ser mais seguras.

2 – OBJETIVOS

Este trabalho tem por objetivo identificar e debater as representações formuladas sobre o centro da cidade à noitee os usos e desusos do espaço urbano no período noturno que corroboram com tais representações ou aportam novas representações.

3 – METODOLOGIA

O material empírico que serviu de base o desenvolvimento deste artigo foi obtido a partir da observação direta e de relatos dos participantes da atividade (passeio noturno)"Exorcizando os fantasmas da cidade à noite". Durante o passeio guiado, que se desenvolveu, em algumas ruas do centro histórico de Campos dos Goytacazes, foram feitas anotações e registros fotográficos de objetos e eventos que encontramos nas ruas da cidade a noite. Em seguida, analisamos este material à luz de discussões teóricas que tratam dos usos da cidade no espaço e no tempo.

4 - RESULTADOS PRELIMINARES

Neste trabalho debatemos acerca das representações sobre a cidade. Mas não somente a partir de sua dimensão geográfica e territorial. Discutimos a cidade considerando também sua dimensão temporal. Principalmente o que diz respeito à alternância entre o dia e a noite.

Em março de 2014, a noite da capital de São Paulo foi apresentada como um objeto de estudo científico no Seminário Noite Paulistana. Um dos pontos argumentados foi a falta de importância atribuída aos acontecimentos da noite. Quando se elabora o planejamento da mobilidade urbana, o uso do ônibus, por exemplo, o pensamento que domina é o trajeto de casa para o trabalho e do trabalho para casa. Esquece-se que, considerando o tempo que ultrapassa o "horário comercial", pode-se perceber a cidade a partir de vários usos (BOTAN, 2014). Luc Gwiazdzinski, geógrafo francês que neste seminário apresentou a palestra intitulada "A cidade e a conquista de suas noites: entre tensões e inovações", propôs "valorizar a cidade como um espaço policrônico".

Luc Gwiazdzinski (2005) começa a obra mencionando que a tradição cristã considera que escuridão precede o dia, como no trecho bíblico do livro de Genesis que trata da criação do mundo, citado pelo autor ereproduzido a seguir:

> "(...) e havia trevas sob a face do abismo (...)
> E disse Deus: haja luz. E houve luz.
> E viu Deus que era boa a luz; e fez Deus separação entre a luz e as trevas.
> E Deus chamou à luz Dia; e às trevas chamou Noite. E foi a tarde e a manhã: o dia primeiro.

Consideremos o dia e a noite de um modo que se alternam. A jornada de 24 horas é continuamente modificada por um dia que sai e uma noite que chega (ou o contrário). Há representações próprias acerca dos espaços urbanos no período noturno. As pessoas formulam ideias particulares sobre a cidade à noite e há uma circulação de indivíduos diferente da que ocorre durante o dia. Ao apontarmos tais aspectos, evidenciamos que estamos observando o espaço urbano a partir domovimento em uma relação com a dimensão temporal.

Para Luc Gwiazdzinski (2005), noite é um conceito vago e ambíguo entregue às fantasias e representações. A noite urbana não pode ser definida apenas pelos termos que dizem respeito aos fenômenos da natureza (nascer e pôr do sol); aos fatores jurídicos ou econômicos que definem uma duração de 8 horas que corresponderia ao

período das 22:00 horas até às 6:00 horas da manhã. Outras informações são necessárias para explorar os diversos significados que o conceito noite pode indicar.

O autor sugere, ainda, uma classificação sobre os "três tempos da noite urbana":

> O três tempos da noite urbana - Assim, podemos distinguir três grandes momentos da noite que também correspondem a diferentes formas de ocupação do espaço público: um coração da noite e duas margens - dois "passos" se quiséssemos usar um termo militar adequado para fronteiras e movimentos - a indefinição:
> - a partir das 20 horas até 1 hora e 30: a noite, margem da noite que avança, invadida pelas atividades do dia, o tempo dos passeios culturais ou amigáveis e das andanças; ainda podemos escapar da noite e decidir voltar;
> - entre 1 hora e 30 e 4 horas e 30: este é o coração da noite, o tempo da cidade de guarda, dos foliões notívagos e dos "nuiteux", trabalhadores com atividades específicas; nós realmente não podemos mais fugir da noite, lá estaremos, para o melhor ou para o pior;
> - 4:30 - 6:00: início da manhã, margem do dia que chega, quando os da noite que retornam encontram os do dia, momento no qual as atividades noturnas recuam face as atividades diurnas.
> Antes de 20 am e depois de seis horas é o império da cidade do dia[3]. (GWIAZDZINSKI, 2005, p. 151).

Dito isso, duas perguntas principais nos orientaram neste trabalho: 1) o que ocorre no centro da cidade depois que o sol se põe? 2) quais representações podemos identificar acerca deste período?

Para buscar respostas a estas perguntas, promovemos uma caminhada noturna pela cidade de Campos dos Goytacazes-RJ.O intuito do passeio era identificar características da vida noturna da cidade e os contrastes com a dinâmica citadina diurna.

Considerando a classificação da noite dividida em três tempos de Gwiazdzinski, nosso passeio foi realizado na primeira parcela do primeiro tempo, no início da primeira "margem da noite" – das 20 horas às 22 horas 30 minutos.

[3] Traduzido livremente pelas autoras deste artigo. O trecho original é assim: "Les trois temps de la nuit urbaine. – On peut donc distinguer trois grands temps de la nuit qui correspondent également à des formes d'occupation différentes de l'espace public : un cœur de la nuit et deux marges – deux « marches » si on avait voulu utiliser un terme militaire adapté aux frontières et aux mouvements – aux limites floues : – de 20 heures à 1 heure 30 : la soirée, marge de la nuit qui s'avance, envahie par les activités du jour, le temps des sorties culturelles ou amicales et des promenades; on peut encore fuir la nuit et décider de rentrer ; – de 1 heure 30 à 4 heures 30 : c'est le cœur de la nuit, le temps de la ville de garde, des noctambules fêtards et des « nuiteux » travailleurs, avec ses activités spécifiques ; on ne peut plus vraiment fuir la nuit, on y est pour le meilleur ou pour le pire ; – de 4 heures 30 à 6 heures : le petit matin, marge du jour qui arrive, où ceux de la nuit qui rentrent rencontrent ceux du jour, moment où les activités nocturnes battent en retraite face aux activités diurnes. Avant 20 heures et après 6 heures, c'est l'empire de la ville de jour." (GWIAZDZINSKI, 2005, p. 151).

Durante o dia há um grande fluxo de pessoas a transitarem pelo centro da cidade. É ali onde encontramos bancos, salas de cursinhos, camelôs, armarinhos, restaurantes, lanchonetes, farmácias, escritórios, lojas de calçados, de roupas, de equipamentos para pescaria, de utensílios para casa, materiais para obras etc. Podemos ver a cidade como centro das ambições, cujos espaços são milimetricamente disputados por todos.

Mas o que é da noite, depois que ogrande fluxode pessoas, bicicletas, motocicletas, ônibus, carros, partem juntamente com a despedida crepuscular do dia? O que sobrapara o centro da cidade de Campos quando bancos, *shoppings center*se a maior parte dos comércios formais e informais fecham suas portas? A cidade seria tomada por fantasmas ou outra espécie de seres noturnos?

Ora, quando pensamos nas obras de ficção, são o perigoso e o grotesco que rondam à noite. Lembremos de Nosferatu, por exemplo, personagem famoso da ficção vampiresca.Era uma criatura conhecida por sua aparência horrenda. Circulava à noite não apenas porque os vampiros não suportam a luz solar. Mas, porque sua aparência grotesca causava espanto e repugnância aos mortais, costumava se locomover por redes de esgoto e canais pluviais durante o dia e somente caminhava pelas ruas à noite.

Pensando em seres obscuros que, segundo o imaginário popular, costumam circular à noite, sugeriu-se que os participantes deste encontro comparecessem fantasiados de personagens que remetessem ao “submundo” noturno. Era noite de 31 de outubro, data que corresponde, principalmente no folclore norte-americano, o dia em que as pessoas saem às ruas vestidas de personagens assustadores. Essa cultura folclórica espalhou-se mundo a fora e, aqui no Brasil, em algumas ocasiões festivas, costuma-se adotar as vestimentas de *Halloween*. Assim, os participantes compareceram ao evento, fantasiados de palhaços assustadores, bruxas, zumbis, e outros entes que, segundo o imaginário popular,não costumam mostrar-se àluz do dia.

Tal como ocorre no mundo fantasioso das ficções, na vida real o perigo também ronda à noite. As criaturas que causam transtorno, espanto, horror e medo aos seres do dia não costumam manifestar-se à claridade reveladora do sol.É à noite que saem a perambular pelas ruas, convictos de que a penumbra lhes dará abrigo. É no período noturno, dizem, que os centros das cidades tornam-se ocupados pelas chamadas “classes perigosas”, sobre as quais visitantes,turistas e moradores são alertados nas cidades mundo afora:“Não andem pelo centro da cidade à noite, pois é perigoso! “.

Um dos fatores que tornam a cidade a noite perigosa, segundo as representações sociais é o sentimento de insegurança. Esta sensação de insegurança ao andar pelas ruas a noite é causada, em grande parte, pelo esvaziamento da cidade do fluxo intenso que ocorre durante o dia. Comércios fechados, portas e janelas fechadas e a diminuição drástica de transeuntes criam um vazio no espaço público urbano. Afinal, o que poderia ser mais assustador do que o centro de uma antiga cidade à noite, esvaziada dos sujeitos que disputam territórios durante o dia?

Tratando do tema da segurança nas cidades, Jane Jacobs (2000) traz o conceito de "olhos da rua". Os olhos da rua são os vigilantes das ruas, o que as deixam mais seguras. São proporcionados pelas pessoas que freqüentam o espaço público ou simplesmente o contempla a partir de suas casas, de suas portas ou janelas, vigiando tudo que acontece ao alcance da visão.

Segundo a autora, as calçadas também desempenham papel fundamental para a manutenção da segurança nas cidades. Quando se diz que uma cidade não é segura, dizemos isto tendo em mente as calçadas.

Umas das principais características de uma cidade bem sucedida é a sensação de segurança e de proteção que possa oferecer aos indivíduos em meio a tantas pessoas desconhecidas.Mas esta sensação de segurança e proteção não deve ser feita somente pela presença de policiamento. Poder contar com polícia nas ruas é necessário, mas são as próprias pessoas que deverão promover esta sensação na maior parte do tempo. E de que modo isto será possível? Por meio de uma rede de pessoas que exerce controle (quase que inconscientemente) e de padrões de comportamento espontâneos em meio ao próprio povo e por ele aplicados (JACOBS, 2000).

Se por um lado cidades com baixa densidade não necessariamente possuem níveis mais baixos de criminalidade – conclui a autora mostrando dados acerca dos subúrbios de Los Angeles – por outro lado, ruas movimentadas tendem a ser mais seguras. Para que haja segurança, o fluxo de pessoas indo e vindo há de ser contínuo.

Em suma, para que os "olhos da rua" promovam a segurança na cidade e diminua a violência, a cidade deverá contar com pessoas suficientes nas ruas exercendo uma vigilância natural sobre os espaços públicos. Para que isto ocorra, segundo Jacobs, são necessárias três condições: 1) deve ser nítida a separação entre o espaço público e o

espaço privado; 2) devem existir os olhos da rua; 3) a calçada deve ter usuários transitando ininterruptamente (JACOBS, 2000).

Feita estas observações, voltemos à nossa pergunta: o que ocorre no centro da cidade após o cair da noite? Será que a cidade aproveita preguiçosamente o silêncio e a calmaria para descansar para as atividades do dia seguinte?

Em nosso evento noturno, observamos que o comércio começa a fechar suas portas a partir das 18 horas. Às 20 horas havia fechado praticamente todos os estabelecimentos, restando apenas alguns bares e farmácias abertos. O centro fica esvaziado da maioria dos serviços que são ofertados durante o dia.

Mas a cidade não para. Diminuem-se os fluxos, trocam-se os personagens, mudam-se as atividades; mas a cidade continua fluindo pela noite que segue.Os raios solares são substituídos por lâmpadas:na calada da noite preta, luzes artificiais coloridas iluminam o centro desta cidade que foi a primeira no Brasil – quiçá uma das pioneiras no mundo –a ter iluminação elétrica.

Se a cidade é o centro das ambições de alguns grupos sociais, sobretudo os que visam às atividades econômicas durante o dia, à noite a cidade continua sendo igualmente disputada e usada por outros grupos sociais, muitos dos quais,na luta pela sobrevivência.

Sobre as diversas maneiras pelas quais grupos sociais distintos vivenciam a noite, Luc Gwiazdzinski, aofalar dos “povos da noite”, distingue-os em cinco “tribos” principais: há os *reclusos*, para quem a noite é um tempo de paz e repouso, aquelas pessoas que fazem de suas casas verdadeiras fortalezas: portas blindadas, alarmes, cães de guarda (“Cidade do medo?”, se pergunta o autor).Ali se trancam durante a noite e só saem novamente ao nascer do dia.Nessa “tribo” também incluem-se aqueles que aproveitam a noite para ler, escrever, estudar, sonhar etc. Para eles a noite é um refúgio de paz e de inspiração. Há os *cidadãos*: para quem a noite é um tempo de engajamento. Para aqueles que optaram por se engajar, a noite é a hora da política, das reuniões associativas,dos comícios ou colagens de cartazes nas ruas. Há os *hedonistas*: para quem a noite é o tempo da festa. Em suas próprias casas, nas casas dos amigos, discotecas ou em uma *rave* improvisada, fazem da noite seu tempo de lazer e divertimento. Há os *trabalhadores*: para quem a noite é o tempo de trabalho. São aqueles que prestam serviços no período noturno. Finalmente, há os *excluídos*: que

vivem a noite como um momento de solidãoe angústia. No meio da noite, nas ruas das metrópoles, cruzaremos frequentementecom os sem-domicílios fixosque recusam o "conforto" dos lugares de acolhimento institucionalizados. (GWIAZDZINSKI, 2005, p. 159-160).

Em Campos, conforme vai anoitecendo, a cidade vai sendo ocupada por outros atores sociais diferentes daqueles que estiveram ali durante o dia: há prostituição, na antiga Rua Formosa, que passou a chamar-se Rua Tenente Coronel Cardoso;há os entregadores de mercadoria descarregando seus caminhões;há os pequenos agricultores locais que vêmabastecer o Mercado Municipal; há os catadores de materiais para reciclagem; há os garis que limpam a sujeira gerada pelas atividades durante o dia. Há, ainda, os mendigos, ou pessoas em situação de rua, que vêm à cidade em busca de abrigo.

Curiosamente, as pessoas que passavam pelas ruas, que não estavam participando do passeio noturno pelo centro da cidade de Campos,ao verem as pessoas mascaradas e com as fantasias,os palhaços assustadores, as bruxas e zumbis esconjuravam: "cruz em credo!". O espanto está nos olhos de quem vê.O espanto estava nos olhares de quem via os seres "bizarros" caminhandoà luz das lâmpadas da cidade à noite. Espanto sobre o desconhecido, sobre algo que não lhes parecia comum ou normal.

Neste passeio não notamos os tais perigos da noite. Por que estávamos demasiado ocupados com nossas atenções voltadas para as explicações dos guias? Por que estávamos em grupo? Parece-nos que a ideia de que não estamos sozinhos aplaca os medos; unidos somos mais fortes.

Aqueles que provocam medo na cidade à noite, não costumam ali abrigar-se para fugirem de seus próprios medos? Medo do frio, medo da sede, medo da fome, mas, principalmente, do medo da solidão. Nas cidades terão luzes e encontrarão outros iguais. Não estarão sozinhos, supõem. A cidade é, a despeito de muitas outras qualificações, um local de encontros. Ou a cidade é o centro das ambições e é ali que encontram seus meios de sobrevivência?

Percorrendo o centro da cidade à noite, encontramosuma variedade de atividades empreendidas por grupos sociais diversos: a Praça São Salvador ocupada por jovens, famílias e crianças; o agradável vento do Paraíba; vimos alguns poucos transeuntes,

trabalhadores noturnos (garis, coletores de lixo reciclável; seguranças das lojas, feirantes, produtores vendendo frutas e legumes a atacado, profissionais do prazer (prostitutas, transexuais), boêmios (no Chá chá chá, e em dois botecos na Barão de Amazonas), que tinha um trecho às escuras e esgoto pululando pela via.

Ao longo da noite podemos perceber a cidade que dorme; a cidade que trabalha; a cidade que se abastece; a cidade que se diverte, dentre outras formas de perceber os usos do centro urbano no espaço e no tempo.

A cidade é o centro das ambições. A cidade é um mosaico de grupos sociais distintos disputando seus espaços. Quer seja durante o dia, sob o calor de um sol escaldante que invade a Planície sem morros e de parcos arranha-céus, quer seja durante a noite, quando o brilho platinado da lua ou das luzes coloridas artificialmente projetam seu reflexo nas águas barrentas do Paraíba do Sul.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho abordou a cidadea partir de seus usos e de suas representações sociais, considerando tanto a dimensão geoespacialquanto a dimensão temporal. Consideramos que há uma diferenciação entre os usos e as representações acerca do que ocorre durante o dia e o que ocorre durante a noite no espaço público urbano, entendido como território de disputa.O dia e a noite se alternam, as pessoas constroem representações acerca da vida noturna nas cidades e agem a partir disso.

Tomamos como exemplo o centro da cidade de Campos dos Goytacazes, no norte do estado do Rio de Janeiro – que possui quase meio milhão de habitantes. No passeio noturno realizado no dia 31 de outubro de 2016, dia de *Halloween*, vimos como "outra cidade" começa a se fazer presente ao cair da noite: as atividades do período diurno são substituídas pelas atividades do período noturno.

A jornada de 24 horas pode ser caracterizada a partir de fronteiras temporais, principalmente a fronteira que propõe a divisão entre o dia e a noite,iniciada a partir do crepúsculo.Não obstante, as representações sociais também são construídas pelos distintos grupos sociaisde acordo com os usos que fazem do espaço público nos diferentes períodos.

Grande parte da população que freqüenta as ruas da cidade à luz do diacostuma ter medo de circular à noite nestes mesmos espaços. As representações, então,acabam se concretizando porque influenciam o comportamento das pessoas.O centro da cidade no período noturno torna-se local perigoso.

Como uma profecia que se autocumpre, as pessoas não freqüentam a cidade durante a noite porque a veem como perigosa e, por não irem, a cidade fica vazia, abandonada a noite.Não há muito movimento, ou, pelo menos, o mesmo movimento que haveria durante o dia.A cidade à noite fica esvaziada daquilo que lhe proporcionaria segurança, isto é, dos "olhos da rua". Ou pelo menos estes ficam mais escassos e restritos a grupos sociais que, normalmente, não são muito bem quistos pela população em geral.

A cidade no período noturno é percebida como o território da insegurança. Com o abandono e a falta de circulação de pessoas, a cidade torna-se perigosa à noite. Trata-se, porém, de uma insegurança relativa, pois a cidade não é mais perigosa à noite que durante o dia: há tantos crimes ocorrendo durante o dia quanto durante a noite. Seu esvaziamento, entretanto, acaba cedendo espaço para aqueles que vêem a cidade durante a noite como um território da liberdade – porque podem se ocultar mais facilmente – que oferece oportunidades para se cometer crimes: assaltos, roubos, dentre outros.

Se a definição de noite encontra-se ambiguamente impregnada das noções de insegurança e de liberdade, conforme ressalta Luc Gwiazdzinski, concluímos este artigo com o dizer de um ministro do Interior (Michel Poniatowski): "a liberdade não é somente aquela da política, é também aquela de poder sair após às 8 da noite" (*Apud* GWIAZDZINSKI, 2005, p. 14). Liberdade não experimentada por aqueles que vivem em grandes centros urbanos,enclausurados pelo assombro dos "perigos da noite".

6 - REFERÊNCIAS

BOTAN, Heitor. *Quando a noite vira objeto de estudo*. 22 de março de 2014. In: <http://www.naosoogato.com.br/conhecimento/quando-noite-vira-objeto-de-estudo/> Acesso 28 de abr de 2017, às 19:18.

CHARTIER , Roger.*A Hitória Cultural entre práticas e representações*, Lisboa, Difel, 1990.

GWIAZDZINSKI, Luc. *La nuit dernière frontière de la ville*. Paris: Editions de l'Aube, 2005.

JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LYNCH, Kevin. *The image of the city*. Cambridge: The M.I.T. Press, 1960.

RONCAYOLO Marcel. *La Ville et ses Territoires*, Paris, Gallimard, 1997.